



---

## O ENSINO DE HISTÓRIA EM QUESTÃO: RECONSTRUINDO O SABER HISTÓRICO ALIADO ÀS LINGUAGENS E NOVAS TECNOLOGIAS

PROBST, Melissa <sup>1</sup>

SOUZA, Ana Cristina Rodrigues <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente texto trata da importância da utilização das diversas linguagens que perpassam o Ensino de História. Em prol de quebrar o antigo paradigma de que a disciplina em questão é vista pelos estudantes como chata, cansativa e desinteressante, buscou-se realizar reflexões acerca novas abordagens do ensino de História, a partir das quais se propõe a utilização de recursos tecnológicos diferenciados em sala de aula. O objetivo geral do presente é pensar em mudanças no método de ensino de História promovendo a diversificação das metodologias e da abordagem da aula de história. Acredita-se que o uso das diferentes linguagens do Ensino de História contribui para uma reflexão crítica e assertiva dos diversos acontecimentos do passado confrontados com os da atualidade. Os resultados da pesquisa apontam para o uso das diferentes linguagens como possibilidade de contextualização e formação crítica e reflexiva, bem como para a compreensão da História no processo sociocultural dos estudantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metodologia. Didática. Linguagens. História. Ensino.

### ABSTRACT

The present text deals with the importance of using different languages that permeate the History Teaching. In favor of breaking the old paradigm of the discipline in question is seen by students as boring, tiresome and uninteresting, we sought to make reflections on new approaches to history teaching, from which proposes the use of differentiated technological resources in classroom. The general objective of this is to think about changes in history teaching method of promoting diversification of methodologies and approach of history lesson. It is believed that the use of different languages in History Teaching contributes to a critical reflection and assertive of the various events of the past faced with the ones of the present time. The survey results point to the use of different languages as the possibility of contextualization and training critical and reflective as well as for the understanding of history in the social and cultural process of the students.

**KEYWORDS:** Methodology. Didactics. Languages. History. Education.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná.

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Vale do Aracaju (UESVA). Especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).

## INTRODUÇÃO

Mediante a realidade encontrada no sistema de ensino público, realidade esta vivenciada pelas pesquisadoras em sua atuação como profissionais da educação, o presente texto coloca-se como resultado de uma reflexão a respeito das estratégias metodológicas adotadas, que levam os estudantes a encarar a História como uma disciplina chata, cansativa e desinteressante. Tem-se então o tema da pesquisa: as estratégias metodológicas para o ensino de História na sua relação com as diversas linguagens e tecnologias. A escolha do tema justifica-se, na medida em que no atual contexto temos já naturalizada a inserção das mídias e das TICs nas vidas dos estudantes, realidade que nem sempre é a mesma no contexto da educação institucionalizada. Além disso, como bem lembra Fonseca (2003 p. 15), “[...] discutir o ensino de história, hoje, é pensar os processos formativos que se desenvolvem nos diversos espaços, é pensar fontes e formas de educar cidadãos, numa sociedade complexa [...]”.

Portanto, objetivo geral do presente é pensar nas possíveis mudanças no método de ensino de História, pensando na diversificação das metodologias utilizadas e da abordagem didática da História na sala de aula. Propões ainda alongar a reflexão para a possibilidade da inserção das diversas linguagens (tais como cinema, televisão, música, jornais e revistas, além de documentos) no ensino de história. Acredita-se que o aliar de tais linguagens (já presentes no cotidiano dos estudantes) ao ensino de História, contribui para modificar a forma como a disciplina é vista pelos estudantes. Defende-se que é sempre possível ao professor remodelar suas práticas, atualizando-as mediante o mundo globalizado e informatizado no qual o educando se insere. Nesse contexto, cabe ao professor perceber que somente repassar (de forma estática e tradicional) o conteúdo obrigatório de sua disciplina não atende mais às necessidades dos jovens que chegam a escola, jovens estes influenciados pelas transformações econômicas, culturais e tecnológicas da sociedade atual. Assim, são necessárias as mudanças nos métodos de ensino, uma vez que o próprio ambiente escolar modifica-se muito lentamente, e, em grande medida, já não atende as necessidades da sociedade. Sobre isso, Perrenoud (2002, p, 190-191) diz que:

Extensivo: R. Eletr. de Extensão, ISSN 2319-0345 Tangará da Serra - MT, v. 03, n. 1, p. 46-65, 2015.

Um observador que voltasse à vida depois de um século de hibernação notaria mudanças consideráveis na cidade, na indústria, nos transportes, na alimentação, na agricultura, nas comunicações de massa, nos costumes, na medicina e nas atividades domésticas. Se, por acaso, entrasse em uma escola, encontraria uma sala de aula, uma lousa e um professor dirigindo-se a um grupo de alunos. (...) Durante a aula, talvez percebesse alguns vestígios de uma pedagogia mais interativa e construtivista, de uma relação mais afetiva ou igualitária que a existente em sua época. No entanto, em momento algum duvidaria que se encontrasse em uma escola.

Segundo a abordagem tradicional do ensino de história, percebe-se que o estudo voltado somente ao passado, baseado na memorização de fatos e datas dos principais acontecimentos de ordem política, militar ou religiosa, funcionam, em sua maioria, como obstáculos ao processo de desenvolvimento crítico-reflexivo do jovem. Um dos fatores motivacionais relacionados ao estudo da temática em questão está relacionado ao estudo acadêmico do livro *O Ensino de História e suas Linguagens*, de Dalla Costa (2012). A partir desse estudo ampliou-se a pesquisa, buscando outros autores que propõe aos profissionais da educação um olhar mais atento e crítico ao saber histórico presente no cotidiano da escola. Tem-se, então, a revisão de literatura como proposta metodológica do presente estudo, lembrando que Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 18) “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

## **1 RECONSTRUINDO O SABER HISTÓRICO NA SALA DE AULA.**

As proposições feitas a partir da Escola dos Annales, no século XX, permitiram a utilização de a utilização de novas fontes e métodos para a realização da pesquisa em história. Anterior à escola de Annales a História era entendida por basicamente duas perspectivas: a cientificista (do viés positivista) e a dialética (no viés marxista). Com os Annales tem-se a possibilidade de compreensão da história de forma mais abrangente, a partir de outros temas, métodos e abordagens. Tem-se assim a abertura para que seja repensado também o ensino de história, e, com isso, a possibilidade do uso fontes históricas diversas em sala de aula. Conforme lembra Dalla Costa (2012, p. 35), a Escola dos Annales, enquanto “[...] nova corrente de pensamento deixava em segundo plano “o fato”, para dar mais importância à “longa duração”, e fazia um esforço para aproximar a História das demais ciências humanas.”.

Dalla Costa (2012, p. 36) diz ainda que

No que diz respeito às fontes, para a história do século XX e parte do XIX, os estudos de História Contemporânea não apenas contribuíram com novos objetos e problemas, mas, sobretudo, com novos documentos primários. As fontes audiovisuais (cinema, fotografia), sonoras (músicas, registros radiofônicos) e orais (depoimentos vivos) se juntaram às tradicionais e cultuadas fontes escritas, acrescidas pelo material da imprensa diária.

No contexto atual da instituição escolar, os profissionais da educação – entre eles o professor de História – se deparam com educandos vivenciam diariamente uma “tempestade de informação”, advinda de fontes impressas ou não. No entanto, a maioria desses jovens possui dificuldade para interpretar criticamente as informações recebidas, e não conseguem transformá-las em saber histórico os fatos históricos, contextualizados.

A aprendizagem de metodologias apropriadas para a construção do conhecimento histórico, seja no âmbito da pesquisa científica seja no do saber histórico escolar, torna-se um mecanismo essencial para que o aluno possa apropriar-se de um olhar consciente para sua própria sociedade e para si mesmo. Ciente de que o conhecimento é provisório, o aluno terá condições de exercitar nos procedimentos próprios da História: problematização das questões propostas, delimitação do objeto, exame do estado da questão, busca de informações, levantamento e tratamento adequado das fontes, percepção dos sujeitos históricos envolvidos (indivíduos, grupos sociais), estratégias de verificação e comprovação de hipóteses, organização dos dados coletados, refinamento dos conceitos (historicidade), proposta de explicação para os fenômenos estudados, elaboração da exposição, redação de textos. [...] (BEZERRA, 2009, p. 42)

Assim sendo, considera-se adequado ao professor de história promover a aproximação da pesquisa e do estudo contextualizado dos fatos, permitindo aos estudantes a associação dos conteúdos curriculares da disciplina ao seu cotidiano. Para tanto, acredita-se que seja necessária a utilização que permitam aos estudantes a compreensão dos conteúdos curriculares associados ao saber contextualizado, mundial, nacional, regional, ou seja, que possibilitem aos estudantes a significação desses conteúdos. Assim, no atual contexto educacional (em que o mero repasse de informações e conteúdos já está obsoleto como prática pedagógica), uma possível sugestão seria a inserção da pesquisa no cotidiano da sala de aula. Acredita-se que despertar a formação do aluno pesquisador na instituição escolar possibilita ao jovem uma melhor integração ao processo de investigação científica e a compreensão da sua importância, contribuindo de maneira significativa na formação do aluno pesquisador.

O uso da pesquisa enquanto metodologia de ensino, aliado ao uso de novas metodologias favorece a reconstrução do saber histórico em meio ao mundo informatizado, em detrimento a ações pedagógicas como a utilização de aulas tradicionais meramente expositivas,

que excluem o jovem do processo de construção do conhecimento objetivam diminuir a distância entre a teoria e a realidade dos educandos. Para Schmidt (1998, p. 54-66):

a realização na sala de aula da própria atividade do historiador, a articulação entre elementos constitutivos do fazer histórico e do fazer pedagógico. (...) Fazer com que o conhecimento histórico seja ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo do fazer, do construir a História. Que o aluno possa entender que a apropriação do conhecimento é uma atividade em que se retorna ao próprio processo de elaboração do conhecimento.

Utilizando metodologias diversificadas nas suas práticas, o educador cria mecanismos e oportunidades que fazem o educando pensar e tomar decisões críticas e assertivas, revendo ideias e conceitos, desconstruindo opiniões passadas sobre o fazer e o saber histórico. A intenção, nesse contexto, é contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico e autonomia do jovem. Daí percebe-se necessidade da formação inicial e continuada do professor. Os desafios encontrados em sala de aulas são numerosos e requerem uma atenção profunda acerca do processo educativo, e, nesse sentido, o educador deve se desvincular da “preguiça pedagógica” e se desprender da antiga perspectiva que apontava o estudante como uma tabula rasa. A sala de aula deve ser, para atender às demandas sociais, um espaço de troca de saberes, ou ainda, como diz Masetto (2003, p. 88), “a sala de aula deve ser vista como espaço de vivência”. Assim,

Quando o aluno percebe que pode estudar nas aulas, discutir e encontrar pistas e encaminhamentos para questões de sua vida e das pessoas que constituem seu grupo vivencial, quando ele pode sair da sala de aula com as mãos cheias de dados, com contribuições significativas para os problemas que são vividos “lá fora”, este espaço se torna espaço de vida, a sala de aula assume um interesse peculiar para ele e para seu grupo de referência.

Por fim, a sala de aula deve ser vista como lugar de construção de conhecimento, de pesquisa e troca de informações, tanto para o estudante como para o professor, de modo que ambos possam aprender. Tal perspectiva considera as vivências, permite a troca, interpretação e construção de saberes. Para tanto, além da inserção da pesquisa como metodologia da pesquisa em sala de aula, propõe-se também a inserção das diversas linguagens, como suporte ou instrumento para a realização do fazer pesquisa no contexto da educação institucionalizada. Os avanços tecnológicos estão ao alcance das mãos dos jovens, e, juntamente com isso, o acesso a um número incontável de informações, como já dito anteriormente. Dalla Costa (2012) bem lembra que muitas vezes a inserção das novas tecnologias da informação e da comunicação

coloca-se como mais um desafio ao professor, mas que, cabe a este professor superar os desafios que lhe são impostos pelo universo tecnológico e buscar saber como utilizar, em sala de aula, tais recursos a fim de tornar mais atrativas as suas aulas.

## **2 O USO DO CINEMA E DA TELEVISÃO EM SALA DE AULA.**

“O cinema nos possibilita lazer e diversão, mas também acesso a informações e cenários a um baixo custo e de forma rápida”, nos diz Pereira (2009, p.01) ao falar da proposta do uso do cinema e da televisão na sala de aula. Acredita-se que essa proposta vem ao encontro da necessidade de atualização das metodologias do Ensino de História na educação brasileira. Os usos de recursos tecnológicos aliados ao cotidiano escolar são de grande valia ao processo de ensino-aprendizagem, pois, como bem lembra Fonseca (2003) o professor de história atua em meio a um contexto em que existe a necessidade de incorporação de diferentes fontes e linguagens ao processo de ensino aprendizagem.

Nesse contexto, tanto filmes quanto programas de televisão são importantes meios tecnológicos a serem utilizados em sala de aula contribuindo para o Ensino de História, pois podem ser, quando bem utilizados, ferramentas que contextualizam os textos e leituras abordados em sala. “[...] O professor, ao diversificar as fontes e dinamizar a prática de ensino, democratiza o acesso ao saber, possibilita o confronto e o debate de diferentes visões, estimula a incorporação e o estudo da complexidade da cultura e da experiência histórica.” (FONSECA, 2003, p. 37).

No entanto, a utilização de recursos diversos exige atenção, uma vez que filmes e programas de TV não devem ser levados para a sala de aula sem que se façam reflexões. Recursos tecnológicos como as mídias não são portadoras de verdades absolutas, pois os meios em questão trazem em seu contexto um excesso de ficção, ou de pontos de vistas tendenciosos, daí a necessidade de comparação com outras fontes, de análise crítica e discussão.

Ainda a respeito do uso do cinema (filmes) e da televisão em sala de aula, Dalla Costa (2012, p. 48-49) destaca que

[...] não basta usar filmes ou programas de televisão; é preciso, antes e depois das atividades, fazer um trabalho complementar com os alunos, tendo por base roteiros previamente elaborados. Além disso, é fundamental que não só você, professor, esteja bem preparado para utilizar essas ferramentas, mas também os alunos, os pais, a

coordenação pedagógica e a direção da escola. São quesitos fundamentais para se realizar um bom trabalho.

Deve-se, portanto, elaborar um roteiro que expresse a intenção existente mediante a escolha do filme, documentário ou desenho, observar através do roteiro proposto aos estudantes, às ideias, valores e conceitos transmitidos pela mídia associado ao conteúdo trabalhado nas aulas de História. Analisar os aspectos do cotidiano e do imaginário presente na obra e estabelecer relação com a época e o período destacado pela disciplina são elementos indispensáveis mediante o uso de esta linguagem, a midiática. O estudante pode ainda ser convidado a prestar atenção a detalhes, como o modo de vestir dos personagens; a divisão social do período; os elementos visuais presentes que evidenciam o contexto social, entre outros aspectos. O professor pode ainda propor uma discussão acerca das cenas e do impacto do filme, promovendo uma roda de conversa confrontando idéias. O fechamento do trabalho deve contar com a participação de todos os envolvidos contextualizando o passado e a sua relação com presente.

Monterde (1986) defende a ideia que o cinema se converteu, por méritos próprios, em arquivo vivo das formas do passado ou, por sua função social, em um agudo testemunho de seu tempo e, como tal, em um material imprescindível para o historiador que assim o queira olhá-lo e utilizá-lo.

Dalla Costa (2012) ao tratar separadamente dos dois recursos em questão, o cinema e a televisão, chama a nossa atenção para o fato de que atualmente a televisão tem uma grande importância no processo de socialização das novas gerações. Nesse contexto, acredita-se que a escola deveria estar mais atenta para a força de atração exercida pela TV, enquanto possuidora de uma específica técnica de informação e sedução, que aos olhos dos jovens soam como verdade absoluta. Sobre isto Belloni (2001, p.78) afirma que

Neste mundo de culturas fragmentadas e mundializadas, cabe lembrar uma evidência: a socialização das novas gerações, a produção e reprodução das estruturas sociais, especialmente das estruturas simbólicas, também se “deslocalizam”, transferindo parte do papel de orientador da criança, em sua iniciação no mundo dos adultos, para instâncias mundiais, produtoras dos múltiplos discursos que inundamos terminais (ou receptores) de multimídia. Assim as novelas brasileiras e mexicanas constroem, sistematicamente e com bastante eficácia, o imaginário de muitas mocinhas e rapazes pobres e menos pobres. Assim as publicidades criam fenômenos de mídia ao lançar febrilmente um novo galã de cinema. Do mesmo modo, os jovens encontram personagens identificatórios nos jogos eletrônicos e criam seus próprios personagens nos jogos virtuais.



Para Moran (1995) o vídeo, muitas vezes na interpretação dos estudantes está associado à não ter aula, ou seja, à diversão, descontração. Daí a necessidade de o professor estar preparado ao propor o vídeo como ferramenta didática, modificando a sua postura e os estereótipos criados em relação ao seu uso. Ele aborda alguns conceitos de usos adequados do vídeo como: sensibilização, ilustração, simulação, conteúdo de ensino, produção, intervenção, expressão, avaliação. Dentre os usos inadequados considerados pelo Moran (1995), consta o uso do vídeo como: tapa-buraco, enrolação, deslumbramento ou perfeição. Para desconstruir essa visão se faz necessário refletir e conhecer a proposta do uso de vídeos nas aulas de história ou de outras disciplinas.

Moran (1995) descreve ainda modos de utilização que podem ser considerados como adequados no contexto pedagógico. Assim tem-se o Vídeo como Conteúdo de Ensino, a partir do qual se pode mostrar um assunto de forma permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares. Além disso, o filme pode ser usado como produção e documentação, em forma de registros de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, depoimentos. Ainda o vídeo pode ser visto como expressão, como nova forma de comunicação, adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens, entre outras possibilidades.

A partir disto percebe-se que a escola, mais especificamente, o professor de história deve estar preparado para a utilização adequada da televisão, ou do vídeo em sala de aula:

A televisão não é diferente das demais ferramentas a serem utilizadas nas aulas de História. E preciso que, antes de começar a utilizá-la, você planeje o seu uso, escolhendo os programas adequados para cada conteúdo e para a idade específica dos alunos. Uma vez feito o planejamento, é preciso colocá-lo em prática e, depois, avaliar o trabalho realizado, para poder introduzir melhorias nas turmas dos anos seguintes. [...] (DALLA COSTA, 2012, p. 64)

Além disso, o vídeo, enquanto ferramenta pedagógica, pode ser também muito versátil, uma vez “As possibilidades informativas do vídeo se vêem potencializadas também por sua versatilidade, manifestada gualmente durante a exibição: exibição em ritmo normal, acelerado, congelamento da imagem, busca visualizada do momento certo...” (FERRES, 1996, p. 47)

A respeito da versatilidade e potencialidade do uso do vídeo em sala de aula, Ferres (1996, p. 47) nos lembra que

Para Hegel, “aquilo que é familiar não nos é, por isso, mais conhecido”. Em geral assim acontece. É raro prestarmos atenção às realidades que nos são excessivamente familiares. A televisão contribui neste desconhecimento porque, dando uma atenção



especial às realidades remotas, leva-nos a esquecer nosso ambiente mais próximo. A tecnologia do vídeo pode se colocar a serviço dos interesses particulares dos usuários, reproduzindo as realidades do dia-a-dia com uma vitalidade que as transforma em novidade.

Assim sendo,

O vídeo “permite captar e fazer captar da realidade uma imagem forte, impressionante e condensada pelo enquadramento (e a montagem)”, pelo que se pode dizer que “quem está em posição de expressar este tipo de imagens detém uma posição de poder”. Se possuir a informação é possuir o poder, e nos meios de comunicação de massa tal informação é controlada pelo sistema, a tecnologia do vídeo coloca a informação – e, por consequência, o poder – nas mãos do usuário, do professor ou dos próprios alunos. (FERRES, 1996, p. 47)

Nesse contexto (o da utilização consciente dos recursos tecnológicos aliados ao processo de ensino aprendizagem), o professor ao utilizar uma manchete do noticiário da TV, por exemplo, dá ao estudante a possibilidade de, além de conhecer manchetes jornalísticas com os acontecimentos diários do seu cotidiano, de refletir sobre o seu próprio cotidiano, rompendo barreiras teóricas, descolando-se do abstrato em direção ao concreto. Ferrés (1996) caracteriza a televisão como um veículo de infinitas possibilidades para o ensino na sociedade contemporânea.

Por intermédio dos meios de massa originados da nova tecnologia eletrônica, as imagens visuais e sonoras bombardeiam as novas gerações com uma contundência sem precedentes. Os meios de comunicação de massa se converteram no ambiente onde crescem as novas gerações. É por meio deles que acessam à realidade. Nossa visão do mundo, da história e do homem está intimamente ligada à visão imposta pelos meios de comunicação. A escola, no entanto, parece não se dar conta disso. [...] (FERRES, 1996, p. 9)

[...] McLuhan indica que “os meios de comunicação, transformando o ambiente, fazem surgir em nos relações únicas de percepção sensorial. A extensão de um sentido qualquer transforma nossa maneira de pensar e de atuar, nossa maneira de perceber o mundo. Quando mudam tais relações, o homem se modifica”. [...] (ferres, 1996, p. 13)

### 3 A MÚSICA NA SALA DE AULA

A música é uma das atividades artísticas mais antigas desenvolvidas pelo o ser humano, conforme lembra Dalla Costa (2003), pois antes mesmo de utilizar-se da “fala”, o homem já utilizava-se de sons como modo de comunicação. Assim, podemos afirmar que a música representa uma das possibilidades de linguagem a ser inserida no contexto do ensino de História.

A música, nesse contexto, representa uma ferramenta rica e inovadora permitindo contextualizar as disciplinas e conceitos expressos nos conteúdos históricos, estimulando a linguagem cognitiva e a produção textual como elemento que diversifica o saber histórico na sala de aula.

No Brasil, a área de Estudos Literários e as Ciências Sociais consagraram certas formas de analisar a canção ainda nos anos 1970 que acabaram influenciando os primeiros trabalhos historiográficos: a primeira destacou o parâmetro poético da canção - a “letra” - como foco privilegiado de análise, enquanto a segunda enfatizou o estudo dos atores sociais envolvidos na criação, produção e consumo da música. Em muitos trabalhos de análise histórica por meio da canção, a “letra” funciona como simulacro de um documento escrito - crônica de época ou tentativa de crítica social feita por um autor [...] (NAPOLITANO, 2005, p.257).

Ainda, a respeito da música enquanto fonte histórica, Napolitano (2005, p. 259) destaca que

A questão central é que, em que pese a estrutura interna da obra e as intenções subjetivas do compositor, o sentido social, ideológico e histórico de uma obra musical reside em convenções culturais que permitem a formação de uma rede de escutas sincrônica e diacrônica. Sincrônica, pois uma obra erudita ou uma canção popular têm um tempo/espço de nascimento e circulação original, caso contrário não seria uma fonte histórica. Diacrônica, pois como patrimônio cultural, ela será transmitida ao longo do tempo, sob o rótulo de obra-prima ou obra medíocre, e suas releituras poderão dar-lhe novos e inusitados sentidos ideológicos e significados socioculturais. Mesmo o esquecimento reservado a uma obra ou artista é um dado para o historiador, cuja preocupação com o juízo de valor não deve ser o foco principal da análise. Em outras palavras, as “obras medíocres” também são portadoras de significados sociais e históricos, ainda que menos profundos e instigantes do que as “obras-primas” consagradas pela memória e pelo gosto vigente. [...]

Acredita-se que enquanto alternativa didática, a música se transforma em recurso pedagógico no momento em que promove o desenvolvimento da consciência histórica a partir dos processos de transformação social e cultural da sociedade. Segundo Granja (2006 p.17-18):

A música é um conhecimento em que a percepção exerce um papel central. Na escola a inserção da música pode contribuir para proporcionar um maior desenvolvimento perceptivo dos alunos [...] trata-se de uma percepção elaborada e complexa [...].

Por exemplo, se utilizarmos o recurso da música e para trabalharmos os principais acontecimentos presentes na História do Brasil, as aulas serão mais atrativas e significativas para nossos alunos, promovendo uma contextualização entre o conteúdo e as manifestações sociais vivenciadas por eles ou por nossos antepassados. Trazendo para as aulas letras de músicas que retratam os períodos mais importantes da historiografia brasileira se permite a

análise e compreensão dos fatos e o aluno desenvolve a interpretação do fato histórico de forma lúdica, descontraída e pautada em estudos sistematizados. Dalla Costa (2012, p. 85) ressalta que

Para utilizarmos a música em sala de aula, é preciso que planejem as atividades pensando nela como instrumento de auxílio à compreensão do conteúdo. E preciso, também, levar em consideração os conceitos trabalhados e as competências que se deseja desenvolver nos alunos. [...]

O professor pode direcionar alguns questionamentos mediante a escolha de obras musicais que possuam letras relacionadas/articuladas com o tema e/ou período histórico destacadas na aula, lembrando que os costumes e as práticas de uma época podem estar representadas na letra de diversas músicas e em diversos gêneros musicais assim como ideologias dominantes. Além disso, nas palavras de Martins (2009, p. 150),

Explorar o interesse dos jovens pela música abre outra possibilidade para o ensino de História Regional. Pode-se propor a eles a elaboração de inventário sobre os tipos de música que as diversas gerações, de sua região conhecem e apreciam; selecionar canções representativas, analisar os temas que elas abordam, as letras e os elementos rítmicos/melódicos que as caracterizam; discutir as maneiras como elas falam da vida, dos problemas e as imagens regionais que elas criam e difundem. Pesquisar quem compõe e quem executa as músicas, onde, como e quando. Tudo isso é estratégia para colocar os estudantes em contato com sua História Regional, ouvindo e cantando o que passa na 'iv e no rádio, mas também o que embala os encontros e as festas nas comunidades rurais distantes e nas periferias urbanas.

A música se relaciona intimamente tanto com acontecimentos breves como uma grande manifestação social como foi o caso das canções produzidas pelos nossos jovens manifestantes durante o período de Ditadura Militar no Brasil (1964/1985). Utilizada como recurso pedagógico, a música desconstrói os estereótipos utilizados em vários seguimentos da sociedade para designar, por exemplo, raça e gênero permitindo ao aluno conhecer a história de uma forma contextualizada e diversificada. São, assim, inúmeras as possibilidades da utilização da música como recurso didático na reconstrução do saber histórico, salientando que essas possibilidades são ricas e variadas, abordando questões que vão desde conceitos inerentes à disciplina de história até os aspectos de desenvolvimento dos estudantes refletindo sua participação nas decisões políticas e sociais do ambiente que se insere. A respeito da utilização da música, falando mais especificamente da utilização do rádio em sala de aula, Dalla Costa (2012, p. 97) destaca que

Assim como os demais instrumentos e “linguagens” da História, o uso do rádio em sala deve ser encarado como um projeto, de preferência coletivo, compartilhado entre diversos profissionais de um estabelecimento escolar. O poder e a influência do rádio e seu uso cotidiano pela população só poderão ser revertidos em conhecimento escolar na medida em que os diversos programas, por ele veiculados, sejam utilizados em sala com um conjunto de atividades e reflexões compartilhadas [...]

#### **4 O LIVRO, O JORNAL E A REVISTA EM SALA DE AULA**

O livro didático sempre foi um dos instrumentos mais utilizados no trabalho pedagógico do professor sendo que ainda hoje, em muitas escolas brasileiras é o único instrumento de aporte teórico de que o professor dispõe. O professor deve, no entanto, utilizar de forma crítica o livro didático quando este for o seu principal recurso pedagógico. Como bem lembra Fonseca (2003) o mercado editorial brasileiro, no que concerne à produção de livros didáticos, já se posiciona entre os maiores do mundo. Por ser financiado, em grande medida por recursos públicos, o mercado editorial coloca os livros didáticos em sintonia com os currículos oficiais, e, justamente por isso, “[...] tornou-se o canal privilegiado para a difusão de determinados saberes históricos.” (FONSECA, 2003, p. 52)

Para superar as ideologias presentes e veiculadas no livro didático, uma possibilidade pedagógica interessante é aliar ao livro didático às revistas e ao jornal. Segundo Costa (2011), o jornal impresso contém informações diárias que devem ser contextualizadas com o saber histórico presente no livro didático e destaca a que a importância do uso periódico do jornal é no sentido da necessidade do professor em reconhecer os reais atributos que esse material oferece uma visão ampla e atualizada que proporcionam o trabalho em conjunto dos recursos que a comunicação oferece, juntamente com tabelas, gráficos, assuntos que exploram a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade.

Nesse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 32) evidenciam que:

Para que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita [e oral], ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.

Destarte, Dalla Costa (2012) chama a atenção para o fato de que o jornal é produzido com a intenção de “vender notícias”, e tem, portanto, influências de ordem comercial, econômicas, políticas imbricadas nas verdades que são veiculadas. De mesmo modo que o livro Extensivo: R. Eletr. de Extensão, ISSN 2319-0345 Tangará da Serra - MT, v. 03, n. 1, p. 46-65, 2015.

didático, o jornal (impresso ou não) não é neutro, mas é imbuído de ideologias. Nesse contexto, a forma de produção de um jornal é similar à produção de qualquer outra mercadoria, no que diz respeito aos fins mercadológicos. Assim, faz-se preciso um olhar atento e crítico sobre os discursos de verdade veiculados, bem como se faz necessária a discussão crítica e reflexiva. O jornal é, conforme Dalla Costa (2012) um recurso interessante para as aulas de história, porém, para seu uso em sala deve-se realizar um planejamento prévio.

Tem-se como pressuposto que o professor é responsável pela formação da cidadania do educando, bem como pela possibilidade de desenvolvimento da sua criticidade perante o mundo globalizado e ideológico. Fonseca (1993) chama a atenção para o fato de que saber encontra-se atualmente muito fragmentado, e isso faz com que o receptor das informações advindas dos meios de comunicação de massa receba essas informações passivamente, consumindo-as sem reflexão.

Existem inúmeros materiais que podem ser usados com essa finalidade, sendo o jornal considerado como um deles. Pode-se dizer que o jornal impresso, ao ser utilizado pelos educadores, de forma planejada e com objetivos a alcançar, auxiliam a desprender os educandos da cultura alienista do século e a desenvolver a interação crítica-cidadã dos jovens na sala de aula, durante a aula contextualizando os fatos e acontecimentos presentes no livro didático bem como na compreensão da história regional e local.

Quanto ao uso de revistas, existem, segundo Dalla Costa (2012) diferentes grupos delas que podem ser utilizados (ou não) em sala de aula, aliados à disciplina de História. Existem as conhecidas revistas “semanais”, que trazem sempre conteúdo mais generalizado, relacionados a acontecimentos recentes. Essas revistas, como por exemplo, Veja ou Exame,

[...] conseguem abordar uma grande quantidade de assuntos e podem ser utilizadas como material complementar às temáticas e aos períodos analisados em sala, com o livro didático. Novamente, aqui, é importante chamar a atenção para a necessidade de preparação da aula e da importância na escolha de reportagens que tenham ligação com o conteúdo ou período histórico visto em sala. (DALLA COSTA, 2012, p. 123)

Outro grupo de revistas que podem, segundo Dalla Costa (2012) servir como aporte teórico às aulas de história são as chamadas “revistas históricas”, que tem como principal objetivo a divulgação do conhecimento histórico para a população em geral. Essas revistas costumam apresentar o conteúdo numa linguagem acessível, agradável, além de serem vendidas em bancas de jornais e revistas comuns (e não em locais especializados), facilitando o seu

acesso às pessoas. Como exemplos, podemos citar a “História Viva” e a “Aventuras na História”.

Além disso, existe um terceiro grupo, classificado por Dalla Costa (2012) como “científicas”:

São periódicos selecionados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Destacamos duas revistas pioneiras nesse tipo de categoria:

a. A primeira é a Revista de História, da Universidade de São Paulo (USP), fundada em 1950. Editada no Departamento de História da USP, destina-se à publicação de artigos em português e espanhol, originais ou traduzidos, resenhas e edição crítica de documentos na área de História e afins.

b. A segunda é a Revista Eletrônica de História do Brasil, criada em 1997, no Departamento de História e ao Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF-MG). É a primeira revista virtual de História do Brasil e dedica-se a publicar artigos oriundos dos principais centros de ensino e pesquisa de História, nacionais e internacionais. Um diferencial dessa revista é a seção “Jovens Pesquisadores”, que permite a divulgação de pesquisas realizadas no âmbito da iniciação científica. (DALLA COSTA, 2012, p. 125)

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho é resultante de estudos bibliográficos que elucidam a necessidade da utilização, nas aulas de história, as diversas linguagens que permeiam o a relação de ensino aprendizagem. Apontam ainda para a necessidade da inovação no que concerne às estratégias metodológicas, bem como para necessidade de planejamento das aulas. Todos esses aspectos, aliados, podem tornas as aulas de história e seus conteúdos mais atrativos, contextualizados e, por conseguinte, de maior significado e compreensão por parte dos estudantes. Entende-se que nem todos os professores ou escolas estão preparados para a inserção das tecnologias de informação e comunicação, bem como das diversas linguagens em sala de aula. Portanto, acredita-se que esta discussão poderia ser mais enfatizada, tanto na formação inicial quanto continuada de professores de história, bem como em encontros e debates no ambiente escolar.

A pesquisa descrita neste trabalho teve como objetivo central a desconstrução da visão de uma parcela considerável de estudantes que veem a História como uma disciplina chata, cansativa e com base na “decoreba”. Ao longo da pesquisa nos foi possível reafirmar a ideia inicial de que para desconstruir esse estereótipo criado em relação à disciplina de história a integração e uso das diversas linguagens pode contribuir sobremaneira. Desse modo, as aulas de história podem tornar-se momento provedor de pesquisa e construção de saberes, com

referencial contextualizado e diversificado, desenvolvendo nos estudantes o pensamento crítico e reflexivo mediante os acontecimentos da contemporaneidade, associados aos demais períodos históricos e as transformações ocorridas na sociedade.

A partir do estudo e discussão das proposições de Dalla Costa (2013), nosso principal suporte teórico, foi possível perceber-se a importância da incorporação das tecnologias e linguagens midiáticas nas aulas de história, de modo a tornar os conteúdos curriculares mais acessíveis bem como permitir e sua aplicabilidade no contexto social dos estudantes. Assim, tem-se a história como ciência investigativa, que pode ser vista como mola mestra do processo de emancipação intelectual dos educandos, permitindo que estes compreendam as transformações e rupturas pelas quais passaram a humanidade ao longo do tempo e percebam-se como integrante desse processo.

Destacamos que além das linguagens e recursos tecnológicos apresentados e discutidos ao longo do texto, o professor de história pode ainda utilizar-se de outras fontes históricas e recursos metodológicos aliados às suas aulas, visando enriquecer e ampliar o conteúdo previsto no currículo, bem como visando a aproximação da teoria às vivências dos estudantes, contribuindo assim na elaboração de um conhecimento significativo e crítico. Entre as possibilidades existentes podemos ainda citar a história em quadrinhos, os documentos dos próprios alunos e familiares (certidões de nascimento e de óbito, entre outros), além da internet e todas as possibilidades que ela abre.

Assim, o estudante não será mero receptor de informações nas aulas de história, mas será um “aluno-historiador”, capaz de compreender que toda ação produzida pelo homem tem historicidade e reflete na sociedade ao qual está inserido.

E, para finalizar, trazemos, como forma de reflexão, as palavras de Pinsky e Pinsky (20093, p. 22), quando afirmam que

[...] é bom não confundir informação com educação. Para informar aí estão, bem à mão, jornais e revistas, a televisão, o cinema e a internet. Sem dúvida que a informação chega pela mídia, mas só se transforma em conhecimento quando devidamente organizada. E confundir informação com conhecimento tem sido um dos grandes problemas de nossa educação... Exatamente porque a informação chega aos borbotões, por todos os sentidos, é que se torna mais importante o papel do bom professor.

Um professor mal preparado e desmotivado não consegue dar boas aulas nem com o melhor dos livros, ao passo que um bom professor pode até aproveitar-se de um livro com falhas para corrigi-las e desenvolver o velho e bom espírito crítico entre os seus alunos.



## REFERÊNCIAS

- BELLONI, M.L. **O que é Mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BEZERRA, Holien Gonçalves. **Ensino de história: conteúdos e conceitos básicos**. In.: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.126p.
- DALLA COSTA, Armando João. **O Ensino de História e suas linguagens**. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papirus, 2003.
- FOSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas: Papirus, 1993.
- GALEANO, Eduardo. **Nós dizemos não**. Rio de Janeiro: Revan, 1990.  
[http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/artigos/interdisciplinaridade\\_entre\\_teorias\\_e\\_praticas.pdf](http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/artigos/interdisciplinaridade_entre_teorias_e_praticas.pdf).
- GRANJA, Carlos Eduardo de Souza Campos. **Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação**. São Paulo: Escrituras. 2006.
- LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, Marcos Lobato. **História regional**. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos temas nas aulas de História*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.
- MONTERDE, J.E. **História, cine e enseñanza**. Barcelona, Editora Laia, 1986.
- MORAN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula**. São Paulo, USP. jan-abr 1995, n.2, pp. 27-35. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131/38851>>. Acesso em 15 jul 2015.
- NAPOLITANO, Marcos. **Fontes audiovisuais: a história depois do papel**. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- Extensivo: R. Eletr. de Extensão, ISSN 2319-0345 Tangará da Serra - MT, v. 03, n. 1, p. 46-65, 2015.



PEREIRA, Luís Antônio de S. **Os filmes, documentários e desenhos e o ensino de geografia**. 2009. Disponível em:  
<[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(86\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(86).pdf)>. Acesso em 28 set. 2015.

PERRENOUD Philippe, **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**, São Paulo, Artmed, 2002.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. In. KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998.